

## Percussão brasileira para uma pedagogia brincante: um projeto de extensão em tempos de pandemia.

### Comunicação

*Lilia do Amaral Manfrinato Justi*  
*Professora Adjunta do Instituto Villa-Lobos/ Centro de Letras e Artes/UNIRIO*  
*lilia.justi@unirio.br*

*Edgar Albertão Araújo*  
*Bacharel em Música - Percussão pela UNIRIO*  
*araujobateria@gmail.com*

*Rogério Vieira Telles*  
*Licenciando em Música pela UNIRIO*  
*rogerio.telles@edu.unirio.br*

*Deva Peixoto Nucci*  
*Licencianda em Música pela UNIRIO*  
*deva.a@edu.unirio.br*

**Resumo:** Este relato conta a experiência ocorrida num projeto de extensão universitária em 2021. É feita uma contextualização da luta pelo fortalecimento da música na escola básica e da importância das atividades de extensão nos cursos de graduação para a formação inicial e continuada de professores de música. Uma professora universitária e três estudantes bolsistas narram como construíram atividades remotas voltadas para uma população que necessitava de interação humana durante a pandemia de Covid 19. O Curso de “Percussão Brasileira para uma pedagogia brincante” e o Ciclo de Debates sobre “Música, Cultura Brasileira e Educação” atingiram professores de escolas básicas do Rio de Janeiro e também pessoas interessadas na prática de percussão brasileira que viviam em diferentes estados e até no exterior do país. Os sons das claves rítmicas, da marcação e da condução, presença das origens africanas na música brasileira, foram o fio condutor para desenvolver uma pedagogia brincante, como preconizam Lydia Hortélio e Lucilene Silva. Pesquisadoras da cultura da infância, elas defendem caminhos originais para a educação musical que envolvem atividades transmitidas oralmente através de cantigas, movimentos específicos, práticas de improvisação de versos, etc. Se no início, a prática de vários gêneros parecia importante para a compreensão da diversidade de sotaques regionais para as brincadeiras infantis, num segundo momento foi preferível reduzir o número de gêneros para registrar o resultado de cada um num vídeo “mosaico”. O projeto teve duração de dois anos, dos quais relatamos os primeiros dois semestres neste texto.

**Palavras-chave:** Música na extensão universitária; Percussão brasileira; Pedagogia brincante

## Introdução

Buscamos neste relato da experiência, ocorrida durante o ano de 2021, refletir sobre a extensão universitária como espaço de formação inicial e continuada de professores de música mas sobretudo como um ambiente de humanização das relações entre estudantes, pesquisadores e a comunidade externa através da cultura e da arte popular. Durante a pandemia, professores, estudantes e artistas se viram num momento de grande fragilidade quanto ao papel social da música e os possíveis caminhos para a sua pedagogia. O caráter inclusivo deste projeto de extensão permitiu que as ações orientadas por uma professora da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e realizadas por três estudantes dos cursos de música, em plena pandemia de Covid19, concretizassem a ideia de construir uma pedagogia brincante através da prática da percussão brasileira. Com o objetivo de registrar e ao mesmo tempo, refletir sobre essa experiência, colocamos em relevo o esforço que a pandemia exigiu dos profissionais da educação musical no uso de tecnologias que permitissem a prática musical coletiva, mesmo à distância, uma vez que a música, por sua natureza sonora e temporal, exige a simultaneidade das ações quando realizadas coletivamente.

## O Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música

O projeto "Laboratório de Práticas Pedagógicas em Música", criado pela professora Lilia Justi em 2018, foi sofrendo variações de acordo com o perfil dos estudantes que nele se engajaram desde o início. Até o ano de 2019, apenas estudantes de licenciatura em Música ministravam oficinas no contraturno escolar para crianças de duas escolas da prefeitura situadas na zona sul do Rio de Janeiro. A existência de uma classe de educação infantil numa destas escolas motivou o interesse pela pesquisa das tradições da cultura da infância brasileira. Para a escolha de tais práticas os trabalhos de Lydia Hortélio(s.d) e Lucilene Silva (2014), foram tomados como referência.

Quando se fala em pesquisas da cultura da infância, Lydia Hortélio tem sido a grande referência no Brasil. Ela já lançou três CDs que trazem encartes impressos com informações

muito práticas para o uso de educadores musicais: a origem das cantigas, suas letras, as categorias dos brinquedos cantados e ritmados, além de instruções de como brincar.

Lucilene Silva (2014) que, ao se interessar pelo universo da cultura da infância logo encontrou Lydia Hortélio, passou a acompanhar seu trabalho, além de desenvolver suas próprias pesquisas. No seu livro "Eu vi as três meninas" traz partituras, letras e instruções dos modos tradicionais de brincar, um CD de cantigas e um DVD no qual podemos ver as crianças da Oca - Escola Cultural, em Carapicuíba, SP, realizando as brincadeiras, seus gestos, cantos e palavras.

O trabalho destas duas pesquisadoras trazem músicas da cultura da infância coletadas nos mais diferentes lugares do Brasil, instigando seus leitores a desenvolverem essa saudável atividade com as crianças. Consideramos que estes registros contribuem para revelar, através dos arranjos elaborados por artistas populares, como podemos realizar a música da infância com sotaques regionais, através dos ritmos que as aproximam das práticas de diversos gêneros da música popular brasileira. Seguindo as gravações realizadas por estas pesquisadoras, nos pareceu interessante abordar esse repertório com as crianças e levar os estudantes da UNIRIO a acompanharem estas atividades com instrumentos de percussão em diversos gêneros da cultura popular brasileira.

Porém, em 2020, com a necessidade de distanciamento social exigida pela pandemia de SARSCOV2, que impediu a entrada dos universitários nas escolas, o projeto de extensão precisou ser remodelado. A exclusão digital que caracteriza a população de muitas escolas públicas do país, nos forçou a migrar as práticas pedagógicas desenvolvidas remotamente pelos estudantes da UNIRIO para um público que conseguisse acompanhá-las pela internet. Decidimos trabalhar com professores da rede escolar que, isolados, estavam em dificuldades para alcançar seus alunos pela web. Mesmo sem a garantia da participação dos professores das escolas parceiras, consideramos que, ao fortalecer as habilidades musicais de adultos através da prática de ritmos dos gêneros musicais da cultura popular, estaríamos aprendendo a "brincar" durante o isolamento social e, se isso funcionasse, ao retornarmos para a escola, todos levaríamos essas experiências para as salas de aula.

Com a ajuda de um licenciando ligado ao projeto e que é percussionista, propusemos à Escola de Extensão da UNIRIO oferecer uma oficina de percussão para

professores pela internet. Foram programadas aulas de vários gêneros musicais brasileiros (samba, forró, ciranda, jongo e congo de ouro) através de instrumentos que pudessem ser feitos com objetos domésticos pelos próprios participantes.

A Escola de Extensão da UNIRIO tem modelos de curso de 20h distribuídos em 10 encontros e este foi o que nos pareceu adequado para nossa proposta. Depois de aprovado, passamos a divulgar o curso e em breve tivemos mais de 40 inscritos. Foi surpreendente ver como a ideia de uma pedagogia brincante e da prática de percussão brasileira poderiam atrair tantas pessoas. Nem todas eram professores, mas esta era o maior categoria entre os inscritos. Em 2021 oferecemos dois módulos do "Curso de Percussão Brasileira para uma pedagogia brincante" e concomitantemente, num outro dia da semana, dois módulos do ciclos de debates "Música, Cultura Brasileira e Educação" com cerca de um encontro mensal.

### **Preparação das ações do projeto de extensão em tempos de pandemia**

No entanto, por motivos alheios à vontade da coordenação, o bolsista inicial teve que se desligar do projeto uma semana antes do início do curso, precisando ser substituído urgentemente. Com a ajuda de professores do Instituto Villa-Lobos/UNIRIO, a indicação de um estudante de bacharelado em percussão transformou o que parecia ser "o fim antes do começo" numa sucessão de felizes encontros.

A participação do bacharelado em percussão, Edgar Araújo permitiu que déssemos continuidade à programação e, além dele, dois estudantes de Licenciatura em Música na UNIRIO procuraram o projeto: Deva Peixoto, cantora e Rogério Telles, que toca teclado. Ao lado de Edgar Araújo constituíram um trio muito coeso. Por cantar e trabalhar numa escola de educação infantil, Deva colaborou com o percussionista na pesquisa e adequação das cantigas da cultura da infância com os ritmos da cultura popular. Nas aulas, Deva teve a importante função de cantar com o grupo, trabalhando alguns exercícios para o corpo e para a voz ajudando o grupo a cantar melhor. Já o Rogério trouxe sua grande habilidade com as tecnologias digitais para a programação visual do material de divulgação do curso e do ciclo de debates, assim como na edição de vídeos (PERCUSSÃO, 2021a; 2021b), como veremos adiante.

## Preparação para enfrentar os desafios de abordar aulas remotas

O planejamento das atividades do curso e do ciclo de debates foi discutido entre os membros da equipe antes da primeira aula do curso. Conhecer cada um, e estabelecer uma conectividade entre as pessoas, como veremos, possibilitou um forte vínculo que se manteve até a suspensão das atividades do projeto em 2022. Além disso, combinamos as estratégias que seriam usadas para as aulas, discutimos sobre as limitações dos procedimentos através da internet, a questão do *delay*, e como faríamos para contornar estes limites na prática coletiva.

O percussionista relata que os primeiros desafios foram a identificação dos ritmos do repertório da cultura da infância e a didática. Para vencer o primeiro, se valeu de habilidades anteriores e de muita pesquisa. Já para a didática, procurou fazer um bom planejamento prevendo as dificuldades que poderiam surgir. Sua primeira meta foi criar um banco de vídeos dele próprio tocando os instrumentos que seriam praticados para disponibilizar para os participantes. Desde seus 15 anos de idade, foi criando um “acervo” de ritmos na cabeça ao praticar os ritmos da música brasileira e identifica a maioria dos “padrões” rítmicos que configuram o estilo de determinada música. Se empenhou em identificar e estudar os ritmos e instrumentos que caracterizavam o repertório levantado para o curso, como por exemplo: Ciranda, Xote, Arrastapé e etc. Ao se deparar com um estilo, identifica os instrumentos que compõem aquele gênero e qual é a célula rítmica que pode ser classificada como padrão. Na posição de professor, como foi o seu papel no projeto, tinha que pensar em como passar tudo isso para os participantes, que talvez estivessem ouvindo os gêneros trabalhados pela primeira vez ou tivessem pouca experiência com música.

Criou um banco de vídeos composto de gravações curtas, praticamente sem fala, para que os estudantes conseguissem ouvir somente a levada básica dos instrumentos, perceber o ritmo e praticar em casa. Nessa “brincadeira” gravou mais de 20 vídeos de variados instrumentos e levadas. Feito isso, organizou uma pasta do Google Drive com todos esses vídeos e disponibilizou para os alunos do curso. Além disso, para os que tinham algum conhecimento teórico, disponibilizou partituras das levadas para que pudessem usar como complemento do material gravado. Ainda sobre os materiais, semanalmente Edgar mandava

gravações que considerava como referências do estilo que estávamos trabalhando pois, seguindo sua experiência, considera o hábito de ouvir e acompanhar gravações de discos, cds, dvds, etc. uma prática muito eficaz para aprender a música brasileira.

### **Dos desafios de conduzir canto coletivo na forma on-line**

Inicialmente inserida no projeto como voluntária, para Deva Peixoto foi muito significativo, naquele momento delicado em que passávamos por uma pandemia mundial, oferecer recursos e organizar momentos de trocas entre educadores. Percebia que muitos professores estavam sobrecarregados, precisando se adaptar a novos formatos de trabalho e tecnologias, e que traziam consigo muitas incertezas. Tanto para o aspecto profissional como para o pessoal, ela percebe que os encontros do curso de Percussão Brasileira, tocou os participantes nesse sentido também. A avaliação inicial que ela fez dos participantes era de pessoas que traziam sonhos antigos de aprender instrumentos, profissionais com desejo de ampliar sua formação, instrumentistas que sentiam falta de encontros musicais. Enfim, uma turma variada que se encontrava com um desejo em comum. Deva Peixoto afirma que, para além do benefício do projeto que percebia nos participantes, ele contribuiu muito, não apenas com sua formação como educadora musical, mas para o seu próprio entusiasmo naquele momento de isolamento social. Para ela, era muito agradável participar semanalmente dos encontros de planejamento com a coordenação e com o grupo.

Percebe-se que a interação entre os estudantes e os alunos de extensão trouxe uma compensação às dificuldades que a conexão online provocava. A consciência das necessidades humanas, como a empatia, a solidariedade e a confiança, reverberaram fortemente durante todo o projeto. Deva Peixoto avalia ter sido surpreendente a afetividade e disponibilidade do grupo, que demonstrava muito carinho e cuidado entre todos na participação dos encontros, na troca e indicações de materiais e relatos pessoais. Relata como significativo o momento reservado no primeiro dia de cada módulo para as apresentações de cada participante, e também durante o curso, os momentos em que cada um podia praticar e se colocar individualmente na tela.

## Módulo 1 - Começando a se ouvir, a cantar, a bater e reconhecer

Quando as aulas do Módulo1 começaram, a participação dos alunos, tocando e pedindo esclarecimentos foi sempre estimulada pelos ministrantes do curso, mas de forma organizada devido ao atraso do som no sistema da internet. O som executado pelo emissor não chega ao mesmo tempo ao receptor. Por isso, uma das aprendizagens iniciais do curso foi levar todos a manterem seus fones fechados para ouvir quem estivesse na vez de falar, e abrir o fone no momento de falar ou tocar de cada um. Edgar Araújo considera que uma das qualidades do modelo de aulas de música em conjunto, mesmo que de modo remoto, é que a dúvida de uma pessoa é às vezes a mesma da outra. Sendo assim, quando alguém perguntava algo referente aos ritmos, algumas pessoas também já faziam suas anotações, ou esclareciam suas próprias dúvidas. Embora nem todo mundo se sinta confortável em aulas coletivas, elas trazem muitas vantagens.

Apesar de termos procurado planejar com a equipe toda, Deva e Edgar se reuniam alguns dias antes de cada aula para se prepararem, de acordo com o programa registrado na escola de Extensão, com as pesquisas que faziam de repertório, e das necessidades que observavam no perfil da turma (algumas das pessoas inscritas eram educadoras e usavam a percussão em suas aulas, outras apenas queriam aprender a tocar para si). Ali combinavam o que seria proposto, definiam critérios de organização do trabalho com os ritmos em atividades com os instrumentos e sua relação com as canções escolhidas para desenvolverem a intimidade dos participantes com os gêneros. Estruturavam as aulas semanais de duas horas e criaram um padrão na rotina dos encontros on-line:

Deva Peixoto comandava os primeiros 20 minutos trazendo os elementos vocais das canções que trabalhariam naquele dia. Ela considerou o momento inicial das aulas para realizarmos práticas ora inspiradas na escola do "Desvendar da Voz" de Werbeck-Svärdström (2011), que adaptou para o curso através de exercícios de respiração combinados com movimentos do corpo. Além desses, praticava os movimentos das danças para a compreensão dos ritmos dos gêneros abordados. Em outras ocasiões, propunha o canto livre de canções conhecidas, ou ainda brincadeiras com as letras das canções que seriam aprendidas no dia. A

intenção era de levar as pessoas a um estado de relaxamento e estabelecer uma conexão do grupo com o material a ser trabalhado.

Em seguida, 45 minutos eram dedicados aos ritmos daquela semana. Algumas pessoas possuíam algum tipo de tambor em casa, ou algum chocalho, ou um pandeiro, e outros que não tinham nenhum instrumento em casa. Nestes casos, eram incentivadas a conseguir algum instrumento emprestado ou até mesmo confeccionar seus próprios instrumentos para praticar. Por exemplo, uma forma de assar pizza, poderia ser transformada em pandeiro; já as latinhas de atum, arrematadas nas bordas por fita crepe, tinham o tamanho ideal para treinar os toques do tamborim. Chocalhos feitos de embalagem de yakult com arroz ou miçangas tiveram adesão imediata de alguns participantes.

Nos encontros online, Edgar procurava mostrar como executar os ritmos, a maneira como pensava a percussão, os caminhos para uma boa execução. Demonstrava a divisão das células rítmicas para melhor compreensão, e sempre vocalizava o que iriam percutir. Os minutos seguintes das aulas eram dedicados às canções, tanto as pré-selecionadas para ouvir em aula, quanto para as que seriam tocadas. Deixa dirigia essa parte da aula e, com muita habilidade, conseguia mostrar como era a execução das canções, tanto na parte didática do ensino do canto, quanto do repertório que estávamos trabalhando, e para tal feito, também foi levantado por ela um repertório de canções da infância em gravações nas quais haviam sido empregados alguns dos ritmos brasileiros nos arranjos e que estávamos estudando no projeto.

A mesma organização planejada para o desenvolvimento prático dos ritmos estudados era feito com essas canções, para que os alunos conseguissem cantar se acompanhando com os ritmos tocados nos instrumentos. Isso foi um grande desafio pois, além da dificuldade de coordenar as duas ações, muitas pessoas são tímidas para cantar, ou não se sentem à vontade para se expor em grupo. Mesmo assim, vimos a turma se desenvolver, a se expressar com arte. Isso sim foi estimulante para todos nós, naquele momento em que o encontro só era possível de modo remoto. Cada progresso que conquistávamos era como uma vitória nos tempos de pandemia, e isso foi um sentimento geral da turma.



Outro ponto positivo foi o uso da plataforma Google Classroom, uma sala de aula virtual que possui recursos de troca de mensagens, espaço para armazenar materiais de áudio, vídeo, partituras, links, e ainda, uma mural para compartilhamentos pertinentes ao curso. Apesar de algumas pessoas terem pouca ou quase nenhuma experiência com esse tipo de ferramenta, esse canal de comunicação foi sendo dominado pouco a pouco por todos e se tornou fundamental para que os bolsistas se comunicassem com os alunos fora do horário da aula. Os conteúdos de cada aula, recomendações para os estudos semanais, indicações das revisões necessárias, o link das aulas gravadas pelo google meet era disponibilizado também, tudo depositado na aba de atividades do Classroom pela coordenadora do projeto.

Avaliando o primeiro módulo, Edgar considerou que o fato de as pessoas do curso não serem especialistas na área do ritmo, e pelo tempo disponível, seria possível realizar apenas uma breve síntese de cada ritmo em cada aula. Após algumas conversas em equipe, para não abandonarmos o conteúdo programado para o curso, optamos por fazer uma prática que privilegiasse a apreciação do repertório abordado e diminuimos a quantidade de ritmos a serem praticados. Essa escolha se mostrou acertada pelo resultado observado no último dia de aula quando, ao promovermos uma gincana na qual os participantes teriam que identificar os gêneros das gravações apresentadas pelos estudantes, a grande maioria reconheceu os gêneros.

Mesmo diminuindo consideravelmente o número de ritmos que pretendíamos trabalhar naquele módulo, aprendemos bastante sobre gêneros e instrumentos variados, dentre eles: Samba de Telecoteco (levada específica de tamborim), Samba de partido alto (samba com versos improvisados), Ciranda (ritmos que repetimos no módulo 2 com dança) Samba reggae, Marchinha (carnaval), Samba de enredo (com levadas de caixa) Côco (que possui cantigas tradicionais característicos da região nordeste do país) Baião, Arrastapé e Xote (esses últimos característicos também do nordeste e também muito comum em época de festas Juninas).

## **Módulo 2 - Ritmos, cantorias, danças e gravações**

Ao final do primeiro módulo, ao constatar que a maioria dos inscritos se sentiram motivados a continuar e ainda a convidar outras pessoas para participar, avaliamos que

poderíamos oferecer um módulo 2 e nele trabalhar menos gêneros. Como o foco do nosso repertório era o sobre uma pedagogia de músicas infantis, prontamente escolhemos os ritmos xote e ciranda, que já havíamos trabalhado no primeiro módulo. A partir de um levantamento com base em gravações, vídeos, documentários sobre essas manifestações, estes dois gêneros nos pareceram ideais para desenvolver a interdisciplinaridade que desejávamos.

Duas parceiras contribuíram com oficinas para nossos alunos: as professoras Juliana Manhães (Escola de Teatro da UNIRIO) e Luciana Vilhena (Escola de Letras da UNIRIO). A primeira nos trouxe uma aula na qual privilegiou os movimentos do Xote e da Ciranda. Para ensinar os movimentos do corpo, nos levou a ouvir algumas músicas destes gêneros ampliando nossa aprendizagem e levando a uma performance consideravelmente melhor. A segunda, foi sobre a improvisação de versos, tradição popular em cantos de trabalho cultivada especialmente por mulheres e crianças. Ao criar versos para as estrofes dos xotes sob a orientação de Luciana Vilhena, tivemos a chance de compreender melhor a formação das rimas e dos versos que iriam compor nosso arranjo. Cada participante teve liberdade de se aventurar nessa experiência.

Com o propósito de aprofundarmos a prática, resolvemos produzir um videoclipe, onde os próprios alunos pudessem tocar, cantar e dançar. Esse seria, de fato, um grande desafio pois além do domínio da prática musical, tanto na execução dos ritmos quanto do canto, seriam trabalhados o movimento da dança e performance dos envolvidos. Teríamos que nos gravar, cada um da sua casa, com o equipamento que cada um dispusesse, ou seja, os vídeos seriam todos gravados via celular. Ficou decidido que seriam dois clipes em vídeo e que apresentaríamos o resultado no final do ano em uma live especial que faríamos após a conclusão das aulas.

A decisão pela produção de um vídeo final estimulou muitos dos alunos a praticarem mais em casa e, a partir deste momento a habilidade com a edição de vídeos do estudante Rogério Teles passou a ter uma importância crucial. Para melhor desempenhar a função de editar os vídeos gravados pelos alunos, Rogério resolveu acompanhar toda a elaboração e execução do projeto. Ele se empenhou em assistir todo material gravado, desde as aulas até o material enviado individualmente pelos participantes. Tomou como sua responsabilidade enfatizar e destacar excepcionalmente tudo de belo que estava acontecendo.

Foi necessário estipular datas limites tanto para envio dos testes, quanto para o envio definitivo dos vídeos. Os participantes gravariam cada um seus vídeos tocando, cantando e dançando, separadamente. Teríamos que coletar todo esse material, editar, fazer diversos testes até chegar a uma edição final. Rogério se propôs a cuidar deste processo sempre com muita paciência, pois o material que chega para a mão de quem vai editar nem sempre chega nas melhores condições. Algumas vezes foi preciso pedir que fosse refeito alguns desses vídeos e reenviados, até conseguirmos o resultado esperado e de boa qualidade.

Durante as nossas aulas, sempre dedicávamos alguns minutos para fazermos o que seriam os nossos ensaios para essas gravações, Deva e Edgar enviavam dicas e sugestões de como produzir os vídeos: o posicionamento de câmera, iluminação, e ainda como e em que momento cantar e tocar os instrumentos em cada música.

Para o segundo módulo foi necessário, primeiramente, preparar as gravações de base para que os alunos pudessem ouvir num dispositivo e, simultaneamente, gravar suas performances em outro aparelho. Para construirmos essas bases contamos com ajuda de outros músicos que prontamente se dispuseram a gravar. Já tínhamos escolhido as músicas e o professor Luiz Eduardo Domingues, que leciona harmonia de teclado na UNIRIO, colaborador do projeto, se colocou à disposição para gravar. Após algumas conversas, nos enviou a harmonização das canções para que ouvindo o teclado fossem somadas gravações das percussões e da voz. Edgar e Deva gravaram suas partes, definindo posteriormente, em que momento seriam feitos solos e coros pelos participantes do curso.

Isso já configurava o arranjo das canções que seriam estudadas com os alunos, pois tínhamos ali, definidas a tonalidade e a forma das músicas. Optamos por fazer estilo pot-pourri, ou seja, encadear mais de uma música em cada vídeo. Também a instrumentação já era prevista, com a particularidade de os alunos nem sempre possuírem certos instrumentos, então alguns gravaram com o que tinham em casa, outros inventaram instrumentos para tal gravação, como por exemplo, quando na gravação do xote precisávamos de um agogô, e um aluno gravou com duas garrafas de vidro com água dentro, simulando o som “metálico” característico do instrumento. E isso, além de dar uma personalidade ao vídeo, funcionou muito bem enquanto sonoridade.

Outras importantes participações que tivemos foi a dos músicos Lúcio Rodrigues e Kiko Horta. Lúcio Rodrigues gravou violão de sete cordas no arranjo que fizemos das cirandas na forma que gostaríamos de apresentar, para assim, gravarmos cada um os seus vídeos. Já na gravação dos xotes contamos com a participação de Kiko Horta que é pianista e acordeonista, que para esse arranjo achamos que seria muito conveniente que tivesse um solo e acompanhamento de sanfona. A colaboração generosa destes colegas permitiu um resultado extremamente satisfatório.

### **Considerações finais**

Ao entender melhor como trabalhar usando os recursos tecnológicos, nos concentramos na prática da percussão, no canto e essas práticas nos levaram a reconhecer vários gêneros da cultura popular brasileira. Num segundo momento, nos colocamos o desafio de produzir vídeos temáticos de dois gêneros: o xote e a ciranda. Neste processo, adquirimos experiência no uso dos passos das danças para melhor compreender os ritmos trabalhados, a improvisar versos dentro do contorno melódico das canções, respeitando a duração das frases, as acentuações tônicas das palavras e criando relações entre as rimas. Nos encontros com especialistas, que nos ajudaram a desenvolver estas habilidades, tudo aconteceu com facilidade pois a ênfase na ludicidade permeava estes momentos.

No envolvimento da comunidade acadêmica, houve generosidade no compartilhamento de saberes, nas colaborações e interlocuções. As pessoas tinham disponibilidade de tempo, estavam isoladas em casa e se sentiam estimuladas com estes encontros pandêmicos. Podemos dizer que o projeto de construção de uma pedagogia brincante se consolidou no transcorrer do curso. Tudo contribuiu para um maior domínio da linguagem musical e mais apropriações das pedagogias brincantes através da música brasileira. Um fazer com prazer, com descobertas, com criação, foi uma característica presente na experiência aqui relatada. Todas as aulas foram realizadas dentro da proposta, embora os resultados do primeiro módulo tivesse sinalizado que para o público alvo, as práticas deveriam ter um nível de exigência relativo à apreciação e reconhecimento do repertório. Se a apropriação da técnica que poderia levar o professor a adotar o hábito de tocar com seus alunos é um processo lento, que pode levar anos, estes módulos podem ter

contribuído para despertar e encorajar os participantes. As colaborações dos pesquisadores que estiveram no Ciclo de debates foram fundamentais para amalgamar as ideias que fundamentaram as práticas e deverão ser relatadas num outro trabalho.

## Referências

HORTÉLIO, Lydia. Abre a Roda tindôlêlê (CD e encarte). São Paulo, Brincante Produções Artísticas, s.d.

\_\_\_\_\_. Ô, Bela Alice... Música tradicional da infância no sertão da Bahia no começo do século XIX. Pesquisa e direção Lydia Hortélio. Arranjos de Antonio Madureira. Casa das Cinco Pedrinhas, s.d.

PERCUSSÃO Brincante de Professores – Xote. Direção de Lilia Justi. Rio de Janeiro: Unirio, 2021a. Son., color.

PERCUSSÃO Brincante de Professores – Ciranda. Direção de Lilia Justi. Rio de Janeiro: Unirio, 2021b. Son., color.

SILVA, Lucilene. Eu vi as três meninas: música tradicional da infância na Aldeia de Carapicuíba/ 1a.Ed. Carapicuíba, SP: Zerinho ou Um, 2014.

WERBECK-SVÄRDSTRÖM, Valborg. A escola do desvendar da voz: um caminho para a redenção na arte do canto. Tradução Jacira Cardoso [at al] - 3a. Ed. Rev. - São Paulo: Antroposófica, 2011.